

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: *XVR 1572*

Data: *30.03.80*

Pg.: _____

Líder Xavante adverte invasões de terras

CARLOS ALBERTO LUPPI

"O governo brasileiro não vai nos exterminar como pretende através da Funai. Eu venho a São Paulo, como chefe dos Xavantes da reserva de São Marcos no Mato Grosso, para denunciar que os fazendeiros da região estão realizando intrigas e invasões de nossas terras, matando nossos animais para tomar outra vez nossa reserva. Eles querem briga, nós queremos a paz. Mas não vamos deixar que nos matem. Nós vamos reagir, se for preciso."

Incisivo, claro em suas palavras, o chefe dos Xavantes da reserva de São Marcos, próximo a Barra do Garças — Aniceto Tsuhaweré — veio solicitar ajuda "das pessoas de bem" para que pressionem o governo e a Funai no sentido de que tanto os fazendeiros da região quanto as autoridades de Barra do Garças "parem de molestar e ameaçar os índios e nossa cultura".

Na reserva de São Marcos residem atualmente quase dois mil índios xavantes em quatro aldeamentos. Segundo Aniceto Tsuhaweré, "os fazendeiros, auxiliados pelo prefeito Wilmar e o delegado de polícia Sebastião, ameaçam índios e fazem provocações pessoais, através de jornais e pelo rádio, tentando indispor a população branca contra os índios". Aniceto acusou diretamente os seguintes fazendeiros: Alípio Tontinho, Zeca Tontinho, Adauto Ribeiro, Antônio Ribeiro, Nelson Torres Araújo, Gabriel Davi, Genésio Davi de Campos e o cabo Lucas, este último "manobrado pelos fazendeiros para permitir a invasão das terras dos xavantes já demarcadas".

"Para nós, índios, não existe lei. Por isso esta gente continua tentando nos maltratar. A lei existe somente para favorecer os privilegiados que querem o nosso fim. Mas eu estou em São Paulo para denunciar esta arbitrariedade e dizer que nós xavantes não vamos permitir novos massacres de índios". Aniceto recordou que de 1957 — quando foi feito o contato do homem branco com os índios xavantes — até hoje, mais de 30 mil índios morreram por causa de brigas, de doenças. "tudo por culpa do homem branco que, além de mentiroso, só quer saber de seus próprios negócios e prejudicar nossos povos. Nós não vamos permitir isto".

Acompanhado de quatro índios xavantes de sua reserva, Aniceto falou em seguida das reservas xavantes de Couto Magalhães e Pimentel Barbosa, "nas quais o decreto para sua demarcação já está assinado, mas até agora nada foi feito pela Funai. Por causa disso, os índios sofrem agressões e já estão perden-

do a paciência. Nós achamos que o atual presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, não tem força alguma para defender os índios brasileiros. Ele atua contra os índios e foi posto no cargo para trabalhar contra o índio e em favor dos fazendeiros, dos grandes proprietários de terras. Ele deveria, como presidente de um órgão destinado a cuidar dos problemas índios, ter por obrigação tomar providências nos locais em que o índio está sofrendo, está sendo humilhado e menosprezado, onde o índio está morrendo por matanças. No entanto, ele está mesmo é a favor dos fazendeiros e do Incra que também trabalha contra nossos povos".

Segundo Aniceto, "os índios querem a paz e querem produzir. Mas nós não encontramos apoio na Funai que, ao contrário, quer impedir nossas manifestações de auto-defesa e auto-preservação". Disse ainda que "a Funai não fornece mais máquinas, nem óleo diesel, nem combustíveis, adubos, e sementes. Existe um projeto na reserva desde 1976, para produção agrícola, mas até agora nada foi feito, por causa da Funai que não nos ajuda. No ano passado, os índios da Reserva passaram fome quase o ano inteiro porque estão tirando nossa caça e matando nossos animais, e, além disso, nos impedem de produzir mais. Até hoje não nos atenderam em necessidades básicas. Não temos sequer condução para transportar para Barra do Garças — a 130 quilômetros da Reserva — os nossos doentes de sarampo, gripe e febre. E agora tentam criar um clima de hostilidade para justificar as invasões e as ameaças de morte feitas aos índios".

"Quero deixar claro ao governo. Se isso não acabar, se esse desrespeito não acabar, nós não vamos ficar calados nem sofrer em silêncio. Temos memória e cabeça pra usar".